

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Heribert Victor Levy - Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy - Vice Presidente

Paulo Roberto Ferreira Levy
Henrique Alves de Araújo
Roberto de Souza Ayres
Jelaci Mazzoni
Benjamim Constant Corrêa Júnior

GAZETA MERCANTIL

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1995

- 2 OUT 1995

A economia em fase de acomodação

Por ação de fatores sazonais apenas, a economia tenderia a se aquecer no último trimestre do ano, que agora se inicia. Em toda parte, a parcimônia dos consumidores, mesmo nas piores fases, costuma ceder ante a atração do Natal, e no Brasil há induções explícitas para isso, como o pagamento do 13º salário e o reajuste, nesse período, dos salários de grandes categorias de trabalhadores. Mas outros elementos também estão atuando, fazendo prever um crescimento mais robusto do que se esperava nestes últimos meses de 1995, que pode ser seguido por uma expansão moderada do ritmo de atividade econômica ao longo do próximo ano.

É animadora a combinação de redução de estoques e de uma aceleração, embora ainda não muito pronunciada, das vendas da indústria e também do comércio, fenômeno que já se observa nos grandes centros do País. Com o maior volume de encomendas por parte do comércio, característico desta época do ano, a indústria será levada a repor rapidamente os seus estoques. É significativo que, já em agosto, o Indicador do Nível de Atividade da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) tenha caído 1,8%, taxa bem menor do que a de 5,6% registrada no mês anterior, ao mesmo tempo que as vendas aumentaram 3,75%. Esse descompasso é explicado pelo fato de a recuperação das vendas antecipar a da produção, podendo-se esperar que o nível de atividade em setembro apresente também um sinal positivo.

Outros indícios podem ser mencionados, co-

mo um tráfego aéreo ligeiramente mais intenso, da mesma forma que ocorre com o consumo de eletricidade. Se o crescimento tem sido diminuto, pelo menos não mais se registra decréscimo e, por sinal, as consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), depois de meses de baixa, vêm crescendo nas últimas semanas. Pela leitura das publicações especializadas, constata-se também que, ao fim de setembro, os preços dos carros usados, que vinham despencando, praticamente se estabilizaram.

Nesse novo quadro que se está esboçando, pouca importância têm tido as medidas tomadas pelo governo, como, mais recentemente, a redução do depósito compulsório sobre operações de crédito e a dilatação do prazo dos consórcios. Embora as taxas de juro tenham tido uma ligeira queda de agosto para setembro, uma nova redução só é aguardada para meados de outubro, em vista do prazo de recolhimento do compulsório. Mas, mesmo assim, o decréscimo será quase imperceptível para o consumidor comum.

Concordamos com aqueles que afirmam, como a deputada Maria da Conceição Tavares (PT-RJ), que não há -- ou não foi apresentada -- explicação racional para a manutenção das taxas de juro em patamares tão elevados. Seguramente, isso não se destina a conservar o atrativo para o ingresso de capitais externos, dada a posição recorde das reservas cambiais, e nem a desestimular o consumo, que não tenderia a explodir mesmo que o governo reduzisse de forma mais pronun-

ciada o custo do dinheiro. O que os juros estratosféricos acarretam, afinal, é o agravamento dos custos de produção pelas empresas e dos ônus sobre a dívida mobiliária.

A reação que se observa no mercado pode ser atribuída, em boa parte, a um bom movimento exportador. Embora o volume acumulado de câmbio contratado em setembro (US\$ 4.054 bilhões até o dia 28) deva ficar aquém do de agosto (US\$ 4.712 bilhões), isso deve ocorrer porque setembro teve três dias úteis a menos do que o mês anterior. Na realidade, a média de câmbio contratado para exportação no mês passado (US\$ 213,3 milhões) foi superior à de agosto (US\$ 204,9 milhões). Embora tenha havido certa melhora no câmbio, com uma pequena desvalorização do real, enquanto a inflação, medida pelo IGP-M, registrava uma taxa negativa, este não nos parece ter sido o fator decisivo. Tendo o País uma estrutura para exportar e com a desaceleração continuada da demanda nos últimos meses, as empresas têm procurado com mais empenho os mercados externos.

Paralelamente, apesar de os índices de inadimplência continuarem altos em comparação com o ano passado, eles têm caído sensivelmente, o que ajuda a explicar um clima de mais confiança. Há ainda problemas muito sérios a resolver, especialmente no setor público, mas, se o governo mantiver a determinação de enfrentá-los, com a colaboração indispensável dos estados e municípios, poderemos acreditar que a pior fase do processo de estabilização está começando a passar.